

condições
ideais
para
o amor

*poemas, manifestos
e correspondência
de um poeta-guerrilheiro*

LUIZ EURICO
TEJERA LISBÔA

condições
ideais
para
o amor

*poemas, manifestos
e correspondência
de um poeta-guerrilheiro*

ANTONIO HOHLFELDT (Organizador)



Editora Sulina

Copyright © Luiz Eurico Tejera Lisbôa, 2022

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Cintia Belloc

REVISÃO

Adriana Lampert

EDITOR

Luís Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

L769c Lisbôa, Luiz Eurico Tejera
Condições ideais para o amor: poemas, manifestos e correspondências de um poeta-guerrilheiro / Luiz Eurico Tejera Lisbôa, organizado por Antonio Hohlfeldt. - Porto Alegre: Sulina, 2022.
192 p.; 14x21cm.
Contém material iconográfico
ISBN: 978-65-5759-088-1
1. Literatura Brasileira – Poesia. 2. História do Brasil. 2. Ditadura Militar. 3. Desaparecidos Políticos – Ditadura Militar. I. Título.
CDU: 21.64(81)
821.134.3(81)-1
981
CDD: B869.1

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644 — 4º andar

CEP: 90620-100 — Porto Alegre — RS

Tel.: (51) 3110-9801

sulina@editorasulina.com.br

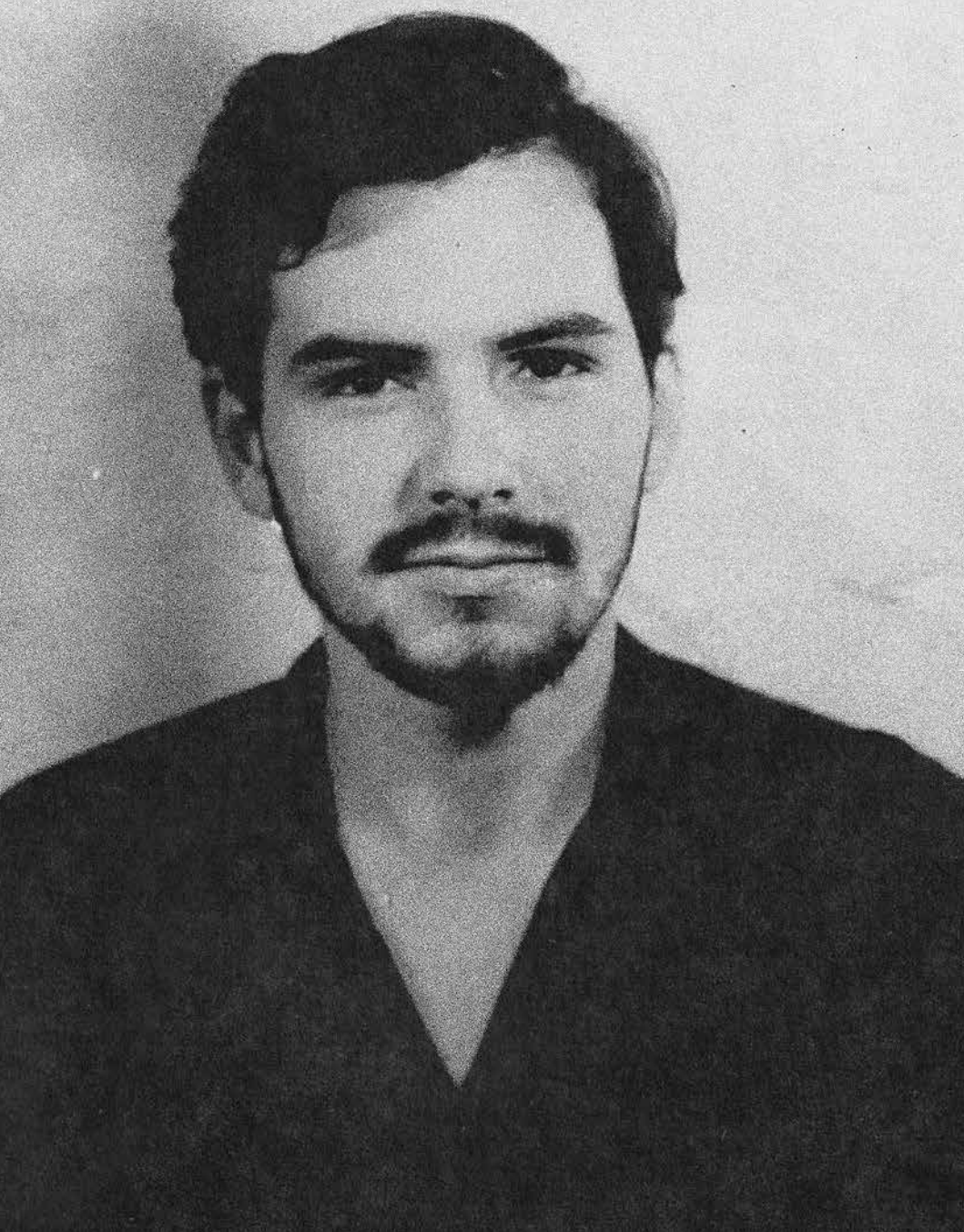
www.editorasulina.com.br

Setembro/2022

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

A todos os mortos e desaparecidos
durante este triste período de nossa
história contemporânea.

414467



Esta edição é um registro dos 50 anos
do assassinato de Luiz Eurico.

Denunciamos sua morte e celebramos
sua vida.

Para que não se esqueça, para que
nunca mais aconteça.

Sumário

11 Apresentação | *Luiz Pilla Vares*

13 O despertar de um largo coração | *Noeli Tejera Lisbôa*

Poemas militantes

23 Tempo de decisões

26 Tempo novo

27 Alienação

28 Cabo Arraes

31 Liberdade

32 É hora

34 Louvor com o coração tranquilo

36 Balada de Ham-Li

38 Autocrítica do poder negro

39 Exortação

41 Nova aurora

43 Procuro o homem do povo

46 À camarada que fica

47 Sinal dos tempos

48 Canto em memória de um homem cego e teimoso

50 É longa a marcha

52 Ao Suzico

Poemas da dúvida e da descoberta

57 As rosas do século XX

58 Homicídio

59 1º canto de desespero

60 Apressado homem do século XX

61 2º canto de desespero

62 Patos azuis em meu pensamento

Poemas de amor

- 67 Poesia x ciência
- 68 Saudade
- 69 Impasse
- 70 Infância
- 71 Evolução
- 72 Vera
- 73 Amor de poeta
- 74 Simplicidade
- 75 19 de janeiro
- 77 Enquadramento
- 78 Noite singular
- 80 A poesia do amor-criança
- 81 Singular instante de tristeza
- 82 Suzana
- 83 Rei nu

Manifesto político

- 89 Resoluções Políticas do Movimento Estudantil Gaúcho

Cartas a Suzana

- 97 Cartas

Depoimentos

- 119 Um poeta que se viu obrigado a trocar a pena pela metralha | *Antonio Hohlfeldt*
- 136 Ico – a Guerrilha Brancaleone | *Cláudio Weyne Gutierrez*
- 144 O denso silêncio do Lisbôa | *João Gilberto Noll*
- 147 Não choro de pena de meu filho | *Clelia Tejera Lisbôa*
- 151 Renascer o Ico a cada dia | *Suzana Lisbôa*

Anexos

- 174 Análise pericial – Comissão Nacional da Verdade
- 185 Mortos e desaparecidos na ditadura militar

Apresentação

LUIZ PILLA VARES¹

Faz tanto tempo e tão pouco: lembrar uma geração de jovens que ousaram lutar, dói como se os fatos fossem de ontem — mesmo que os rostos se tornem envoltos em nuvens. E esta dor é mais funda ainda quando chegamos a um final de século radicalmente oposto a tudo aquilo que sonhamos. Sonhos que tinham formas concretas e palpáveis: a revolução dos jovens iluminados em Cuba, o Maio de 1968, Vietnã. Uma luta permanente em duas frentes, no Leste e no Oeste. Era preciso escolher: emudecer ou lutar. E centenas de homens e mulheres neste Brasil de ditadores militares ousaram lutar. Entre eles e elas, estava Luiz Eurico Lisboa, um belo jovem de pouco mais de 20 anos, que revejo com seu sorriso irônico e sua coragem, na última reunião clandestina em que nos encontramos. As nuvens se dissipam e posso ver com nitidez a sua firmeza na decisão tomada.

Ico optou e se foi para sempre. Tornou-se símbolo de uma luta massiva: todos sabiam que ele havia sido assassinado. Uma morte sem atestado, sem túmulo, sem corpo; uma morte que precisava ser provada; uma morte que, como a sua vida, convidava para a luta; uma morte que se transformava em apelo coletivo: “Anistia!”, começaram a gritar milhões em nome de Luiz Eurico e de tantos e tantas brasileiros e brasileiras desaparecidos durante o regime militar. Anistia! — palavra forte que se transformou em força material quando dela se apossaram as massas brasileiras apalmando a liberdade. Sem corpo, sem túmulo, Luiz Eurico, com outros companheiros e companheiras

1. Jornalista e escritor (1940-2008).

que a ditadura nos roubou sem qualquer remorso, estava no centro da luta. E conquistamos! As bandeiras foram às ruas, os exilados voltaram, os mortos foram reconhecidos e Luiz Eurico Lisbôa, finalmente, teve seu corpo reencontrado e ganhou um túmulo com seu nome. E como a vida não é apenas luta — luta-se por causas justas e generosas quando se ama —, Ico teve um grande amor em sua vida, uma mulher admirável por sua coragem: Suzana, de grandes olhos tristes e incansáveis, como se buscassem no passado o retorno impossível de um jovem relacionamento que se fixou na eternidade. Sartre disse sabiamente que a história recupera tudo, menos a morte. E se vencemos no reconhecimento de nossos mortos, nas conquistas das liberdades democráticas, não temos o direito de esquecer aquele momento único, irredutível — que não pudemos ver, mas que imaginamos dolorosamente —, do tiro que apagou a vida quase adolescente do jovem Ico. O Ico de Suzana, do Nei, da Noeli. O Luiz Eurico de todos nós. Não esquecemos, nem esqueceremos este passado de chumbo, de amor e de dor, de esperanças desesperadas, da solidão revolucionária do jovem Ico, irmão em sonhos do Che, precursor de um marxismo vivo, subjacente num de seus tocantes poemas, que poderia ser subscrito por Rosa, por Mariátegui e pelo próprio Che:

Renuncio à revolução calculada
milimétrica e friamente
no racionalismo tecnicista
dos 'cientistas'
da transformação social

Vinte anos depois, reafirmamos o reconhecimento: Luiz Eurico Lisbôa e seus companheiros e companheiras, mortos e desaparecidos, vivem na nossa lembrança. De seus carrascos, guardamos apenas o conhecimento da crueldade.

Ico, companheiro: até a vitória, sempre!

Porto Alegre, agosto de 1999.

O despertar de um largo coração

NOELI TEJERA LISBÔA

*Ninguém tem maior amor do que este: de dar
alguém a sua vida pelos seus amigos.*

João 15:13

O Oldsmobile preto dobrou a curva em direção ao topo do morro. Nem sinal de esforço. O hidramático ia que era uma beleza na subida. Empertigado na direção, o pai, orgulhoso, desfilava o novo carro com a família. As casas finas do bairro Burgo tornavam-se agora mais interessantes. Casas e carro harmonizavam-se em sintonia perfeita. Iniciava a década de 1960, e este funcionário público passeava em seu Oldsmobile de segunda mão, sentindo-se parte integrante da paisagem da zona rica de Caxias do Sul.

Atravessado o Burgo, principiaram a descer o morro pelo outro lado, onde as malocas tomavam conta da encosta. A neblina do inverno caxiense dificultava a passagem do carro pelas ruelas estreitas e tortas, quando, sem saber-se donde, uma pequena multidão de guris, brotados parece que da própria rua, fizeram um corredor. Pedras e paus nas mãos, apedrejaram o carro que os humilhava, desfilando solene em meio as suas casas pobres.

Pernas abertas, firmemente postado à direita da vila, o moleque magro abaixou o braço e buscou uma pedra. Depois, levantou o corpo ágil, mostrando a blusa rasgada de manga curta, por baixo da qual se via a camiseta encardida. A mão suja e roxa do frio girou no alto. Apontou a pedra para a janela dianteira do carro. Mirou. Dois olhos pretos revoltados encontraram-se, então, com dois pretos olhos, perplexos, do menino sardento e gordo, de japona de lã azul marinho do colégio, sentado ao lado da mãe, na frente do carro. O menino da rua sorriu sarcástico. Estirou o braço pra trás. Lançou a pedra.